

FRANCISCO DE OLIVEIRA
PAOLO FEDELI
DELFIN LEÃO
Coordenadores

O ROMANCE ANTIGO

ORIGENS DE UM GÉNERO LITERÁRIO



Universidade de Coimbra



Università degli Studi di Bari

COIMBRA
2005

NA AURORA DO CONHECIMENTO: DO TUMULTO À PACIFICAÇÃO

WALTER DE SOUSA MEDEIROS

Universidade de Coimbra

Abstract: Plot and objectives of the two remaining Latin novels: Petronius' *Satyricon* and Apuleius' *Asinus Aureus sive Metamorphoseon libri XI*.

Os dois romances podiam começar — não começam — no veludo do Mediterrâneo, sob o lírio rubro do sol, a esmeralda dos campos, a lua cavalgante o seu corcel de nuvens rarefeitas ou orientais. Mas o lume ofuscante de uma praça (diriam os cínicos) esconde as vielas lóbregas onde o silêncio coalha ou um corpo estertora na agonia do terror.

Os dois romances podiam começar — não começam — na deliquescência ou no brilho das vestes que as envolvem: Massília, Mônaco, a *Campania felix*, Crotona, Hípata, Corinto, sabe-se lá quantas mais. Uma *urbs Graeca* é pouco — não dá para sonhar. E já pensaram no nome dos anti-heróis principais? Encópio lembra o aconchego do ventre materno, enquanto, cá fora, há lugar para sofrer, desvairar, e hora de morrer. Lúcio, ao invés, é menino ditoso da Fortuna, nasceu na cidade do Sol; e o seu mal é buscar as trevas. Precisam ambos de conhecimento (terrestre, celeste), para alcançarem a Paz.

Os dois romances podiam começar — não começam — no gáudio da esperança, porque toda a história é forjada de acertos e desacertos, de encontros e desencontros, onde amigos e opositores flutuam, mergulham, se afundam, à vezes têm a dita de emergir e sobreviver. Mas, quando emergem, quando sobrevivem, pouca história fica por contar: sobre os desamores da existência paira o arco-íris da felicidade. E Petrónio e Apuleio têm muito para contar, porque a triaga do conhecimento é longa de absorver.

Os dois romances começam (e prosseguem) no fadário da insensatez — que importa dissipar para crescer. Encólpio (pelo que diz, pelo que se vê) foi bode expiatório, ladrão, adúltero, assassino, profanador, impotente. Por desgraça, amou um efebo catavento e uma mulher deslumbrante que lhe dava o corpo de sonho e ele não conseguia possuir. Mas Encólpio tem, no acervo de crimes e de fraquezas, um *quid* de inocência, uma esperança desesperada de melhorar. Por isso Mercúrio lhe há-de valer, Mercúrio lhe restituirá a virilidade. Para que possa viver mais aventuras e porventura ser feliz. Se o seu criador, Petrónio, acreditava na felicidade — não sabemos. Em canções ligeiras e versos fáceis, acreditava: e ao som deles quis morrer. Como se aquela despedida bizarra fosse a vingança póstuma do mundo em que vivera.

Lúcio, filho da Luz, aluno da Luz, queria experimentar outra escola — a escola das trevas. Queria aprender a magia, ser capaz de se transformar, ou transformar, em animal, árvore, rio ou pedra. Fez ele mesmo a experiência: e da ave que se libra no céu nasceu um animal que se espoja na terra, tem longas orelhas para escutar e sofrer na pele a tortura das pancadas e das ameaças de morte. Tudo em nome da curiosidade. Uma curiosidade malsã que lhe saiu cara, como a Psique. A jovem amava o Amor, e o Amor quase o perdeu, quando incauta o queimou com um pingo de cera traiçoeira. E condenada foi Psique, como Lúcio, ao seu cilício de tormentos. Até que o Amor voltou e a salvou da morte e lhe deu a imortalidade e uma filha, *Voluptas*, a Alegria e o Prazer, fraternos da Graça sempiterna. Também de Lúcio se amerceou a deusa Ísis, lhe restituiu, graças a uma coroa de rosas, a face humana; e lhe concedeu o Bem supremo que é, na terra, o privilégio de raros.

Os dois romances terminam com os olhos da esperança. Faltava aos anti-heróis o dom do conhecimento: dos outros e de si mesmos. Um dom tão alto, tão exaltante que, para alguns, se alcança apenas no topo do calvário. Com a auréola da Paz que a felicidade é chamada a consagrar.